

Trabalho e escravidão na América Portuguesa

Abertura

Você aprendeu, na Aula 5, que a cana-de-açúcar foi o produto mais importante da economia colonial brasileira. Na fase da ocupação da colônia, a partir de 1530, a plantação da cana ocupou uma grande parte do litoral nordeste. A colonização pelo litoral tinha uma forte razão de ser. Era a região mais próxima da metrópole portuguesa. Estavam ali as grandes fazendas, e também os maiores e mais ricos **engenhos**. Os engenhos eram conhecidos como **fábricas de açúcar**.

Nossa aula de hoje é uma viagem ao interior dessas fábricas. Falaremos da produção e do trabalho nos engenhos. Conheceremos também outras formas de trabalho que se desenvolveram ao redor dos engenhos ou em outras partes do território colonial, nas quais a cana-de-açúcar não foi o produto mais importante.

Movimento

No interior da fábrica de açúcar

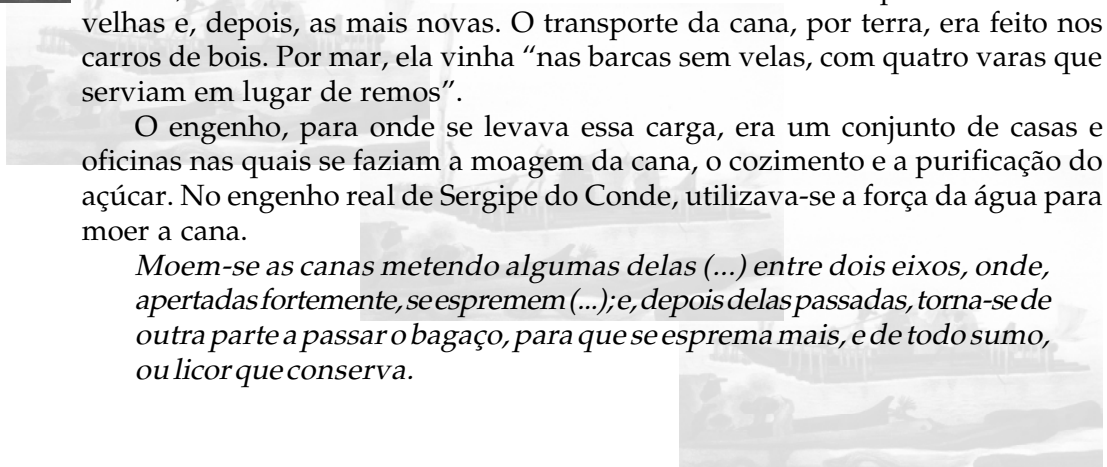
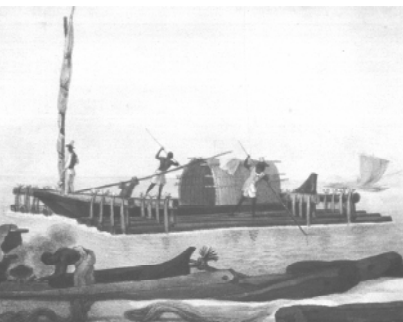
Começamos esta aula penetrando num grande engenho de açúcar localizado na capitania da Bahia, no início do século XVIII. Seu nome era Sergipe do Conde. Nosso guia será um importante cronista daquela época: o padre jesuíta italiano João Antônio Andreoni, também conhecido como Antonil.

Antonil nos conta que o primeiro passo para uma boa produção de açúcar era a escolha da terra: “As que chamam massapés, terras negras e fortes, são as mais excelentes para a planta das canas”. Depois disso, era necessário roçar, queimar e limpar a terra, prepará-la para o plantio.

Na Bahia, era no mês de agosto que começava o corte da cana. Como tudo na vida, o corte também tinha sua ciência. Era necessário cortar primeiro as canas velhas e, depois, as mais novas. O transporte da cana, por terra, era feito nos carros de bois. Por mar, ela vinha “nas barcas sem velas, com quatro varas que serviam em lugar de remos”.

O engenho, para onde se levava essa carga, era um conjunto de casas e oficinas nas quais se faziam a moagem da cana, o cozimento e a purificação do açúcar. No engenho real de Sergipe do Conde, utilizava-se a força da água para moer a cana.

Moem-se as canas metendo algumas delas (...) entre dois eixos, onde, apertadas fortemente, se espremem (...); e, depois delas passadas, torna-se de outra parte a passar o bagaço, para que se esprema mais, e de todo sumo, ou licor que conserva.



Era assim que se extraía o caldo. Depois de acondicionado em grandes recipientes, o caldo era guindado para a casa das caldeiras para se iniciar o cozimento.

A moagem era acompanhada pelo feitor da moagem e pelo mestre do açúcar, responsáveis pelo ritmo e pela organização do trabalho. A moenda era o lugar mais perigoso no engenho,

(...) porque, se por desgraça a escrava que mete a cana entre os eixos, ou por força do sono, ou por cansada, ou qualquer outro descuido, meteu desatentadamente a mão mais adiante do que devia, arrisca-se a passar moída entre os eixos, se não lhe cortarem logo a mão ou o braço apanhado, tendo para isso junto à moenda um facão (...). E este perigo é ainda maior à noite, em que se mói igualmente como de dia (...)

Só na casa da moenda, eram necessários de sete a oito escravos. Uns eram responsáveis pela moagem, e outros pelo transporte do caldo até a casa das caldeiras.

Ao lado da casa da moenda, localizava-se a casa das fornalhas, chamadas por Antonil de “bocas tragadoras de matos, cárcere de fogo e fumo perpétuo e viva imagem dos vulcões, Vesúvios e Etnas e quase disse, do Purgatório ou do Inferno”. Nela trabalhavam os escravos considerados perigosos, os condenados, “presos em compridas e grossas correntes de ferro”.

Acima das fornalhas estava a casa das caldeiras. Nelas trabalhavam cerca de oito caldeireiros. Depois de purificado, o caldo era acondicionado em grandes tachos, nos quais era levado ao cozimento.

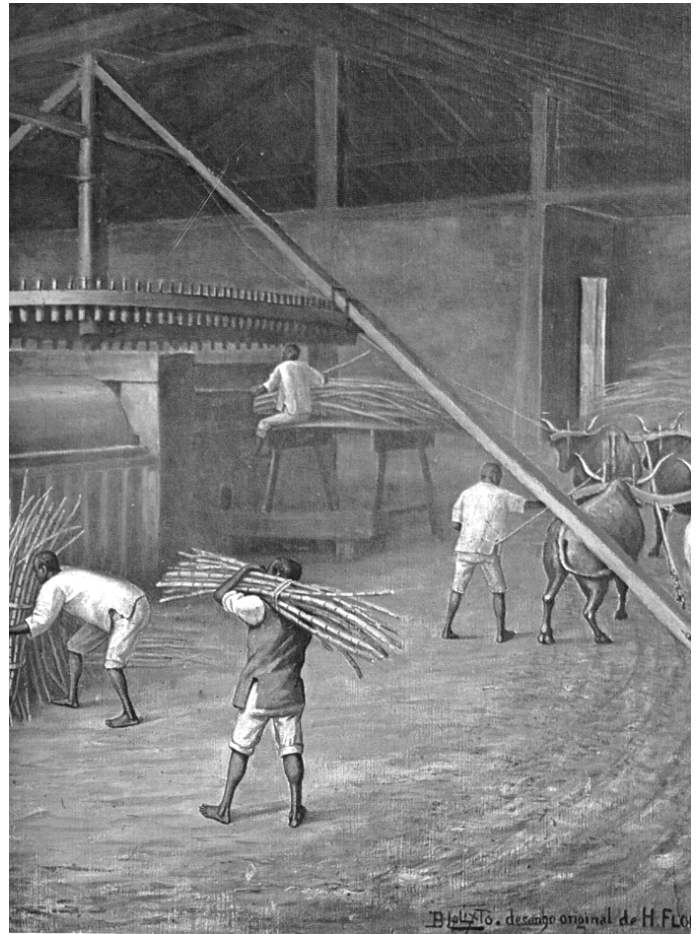
O açúcar era cozido e batido por quatro tacheiros. Todo esse trabalho era supervisionado pelo mestre do açúcar. Corria por sua conta verificar a limpeza do caldo e o ponto de cozimento do produto.

Finalmente, fora do conjunto de casas que formavam o engenho, encontrava-se a casa de purgar – local em que o açúcar, já acondicionado em fôrmas de barro, era purificado e separado segundo a qualidade. Mais tarde, o produto era pesado e encaixotado para a venda.

Na casa de purgar trabalhavam os escravos que produziam as fôrmas de barro, as “mães do balcão” (responsáveis pela separação do açúcar) e também os responsáveis pela pesagem e pelo encaixotamento.

Terminamos aqui nossa rápida visita a um engenho no período colonial. Aprendemos com Antonil muitas coisas. Pudemos ver que a produção de açúcar era uma atividade que requeria muitos recursos e organização.

Produzir e transportar a cana de açúcar até o engenho já exigia um grande número de trabalhadores. No transporte, utilizavam-se os **carros de bois**: daí a necessidade de se desenvolver também, no interior da fazenda, a criação de gado.



No interior do engenho, o trabalho era dividido. Conviviam escravos, feitores e o mestre do açúcar. Em geral, o mestre do açúcar era um trabalhador que recebia bom salário.

Em um grande engenho, como pudemos ver, o trabalho era intenso e, algumas vezes, varava a noite.

Pausa

Será que o mesmo acontece hoje nas nossas usinas de açúcar? Você conhece uma usina de açúcar?

Pesquise. Pergunte aos seus amigos e companheiros de trabalho como se organiza o trabalho em uma usina de açúcar.

Em todas as fases da produção estava a mão-de-obra escrava africana. Na moenda e nas fornalhas, as condições de trabalho eram extremamente precárias. Nosso guia, Antonil, talvez impressionado com o trabalho na casa das fornalhas, chega a compará-la ao inferno.

O grande engenho colonial, portanto, era moderno e escravista. Nele estavam presentes traços típicos das manufaturas que, naqueles séculos XVI e XVII, avançavam na Europa: divisão do trabalho, trabalho assalariado, produção para o mercado. Ao mesmo tempo, porém, o trabalho era fundamentalmente escravo. Segundo Antonil, “os escravos eram os pés e as mãos do senhor de engenho”.

Mas por que, no **coração econômico da colônia**, utilizou-se a mão-de-obra escrava africana? Para tentar responder a essa pergunta, precisamos voltar ao início da colonização portuguesa nas terras brasileiras.

Da escravidão indígena à escravidão africana

Você aprendeu em aulas anteriores que, quando os portugueses chegaram à nossa terra, encontraram aqui os nativos. Deram a eles o nome de índios, porque os grandes navegadores que aqui desembarcaram acreditavam estar chegando às Índias.

Pois bem, os nativos foram os primeiros grupos a ser capturados para o trabalho forçado. A primeira iniciativa comercial da colônia, a exploração do pau-brasil, foi feita com a ajuda dos índios. Eram eles que conheciam as matas, que sabiam a maneira correta de cortar a madeira. Se a terra recém-encontrada pelos portugueses era nova para eles, era inteiramente conhecida pelos nativos que aqui viviam. Os colonizadores perceberam logo o quanto precisariam da população local para explorar as terras que eles desconheciam.

A comunicação com os índios foi facilitada pelo trabalho dos jesuítas nas **missões**. As missões eram os aldeamentos feitos pelos jesuítas para os índios, que ali aprendiam ofícios úteis à colonização (carpintaria, tecelagem, cestaria e outros).

Os jesuítas protegiam os índios dos colonos que queriam escravizá-los. Mas prestavam também um grande serviço ao governo e aos senhores, pacificando tribos inteiras que se revoltavam contra os portugueses.

Em tempo

Para facilitar a comunicação entre os nativos e os colonizadores, os jesuítas criaram uma língua comum, chamada de **língua geral**, que era uma adaptação dos termos tupis à gramática do latim.

Você saberia citar algumas palavras da nossa língua que vieram desse cruzamento dos termos tupis com a gramática do latim?

Com o grande desenvolvimento da cultura açucareira, começou a faltar gente, isto é, mão-de-obra, para o trabalho. Os portugueses tentaram continuar a se servir dos índios, mas estes não estavam rendendo tanto quanto pretendiam os colonizadores. Resistiam àquela forma de trabalho forçado, adoeciam pelo contato com os colonizadores, morriam ou fugiam para o interior. Os jesuítas, por sua vez, contribuíram para uma falta ainda maior de mão-de-obra, atraindo os índios para as missões. Por essas razões, a Coroa portuguesa, que estava interessada no aumento da produção do açúcar, favoreceu a importação de escravos negros da África.

Já em princípios do século XVI foi iniciado o comércio de escravos para o Novo Mundo. A Espanha os introduziu na América Espanhola (Antilhas) e Portugal os introduziu no Brasil. A partir de 1549 foram importados negros em maior quantidade para as capitanias da Bahia e de Pernambuco. Os comerciantes traziam os negros da África e os vendiam aos senhores e aos lavradores por preços vantajosos. Com os lucros da venda do açúcar, os senhores compravam mais escravos, aumentando a produção do engenho. Os negros vinham como escravos de uma região que também praticava a escravidão.

Os escravos que chegavam ao Brasil procediam de diferentes regiões da África. Vinham de Angola, Mina, Cabinda, Congo, Moniolo.

A transição da escravidão indígena para a africana não foi muito rápida nos primeiros tempos. Segundo Boris Fausto,

(...) nas décadas de 1550 e 1560, praticamente não havia escravos africanos nos engenhos do Nordeste. A mão-de-obra era constituída por escravos índios ou, em menor escala, por índios provenientes das aldeias jesuíticas, que recebiam um salário ínfimo. Tomando o exemplo de um grande engenho – Sergipe do Conde, na Bahia – (...) podemos ter uma idéia de como se processou a transição. Em 1574 os africanos representavam 7% da força de trabalho; em 1591 eram 37% e, em torno de 1638, africanos e afro-brasileiros compunham a totalidade da força de trabalho.

Boris Fausto, *História do Brasil*, p. 79-80

Como você explicaria a transição da escravidão indígena para a africana?

Pausa

Escravos, lavradores e indígenas

A escravidão africana firmou-se, no final do século XVI, como a mão-de-obra básica na grande região escravista do Nordeste brasileiro. Nessa região formaram-se grandes fazendas que também passaram a ser chamadas de engenhos.

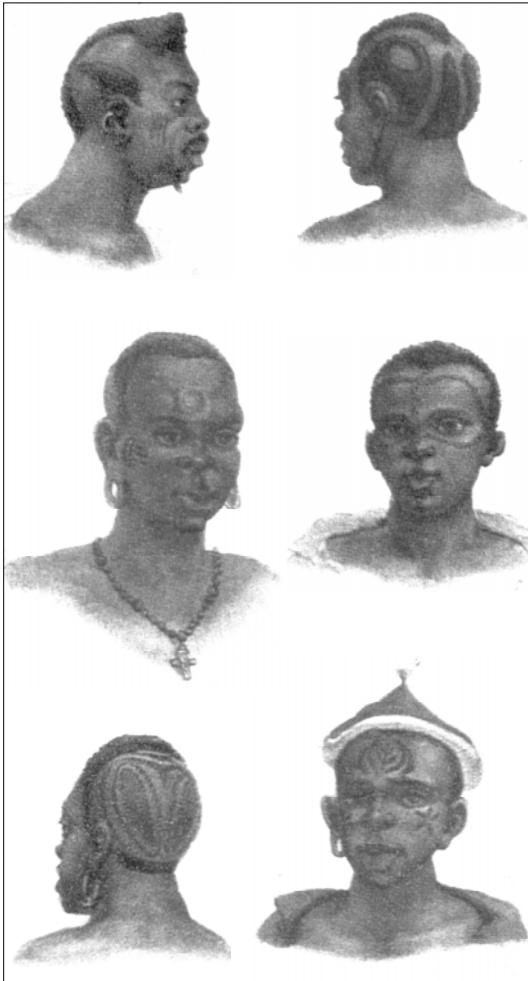
Mas, além da fábrica de açúcar, o que mais compunha o mundo do engenho? Em volta da produção da cana, nas grandes fazendas, encontramos a casa-grande, residência do senhor e da família colonial. Encontramos também a senzala, moradia dos escravos, e a capela, onde se realizavam os cultos religiosos católicos. Quanto mais rico fosse o fazendeiro, maior era o engenho e maior o número de escravos para plantar e colher a cana, preparar, transportar e embarcar o açúcar produzido.

Mas era preciso também um bom pasto, para alimentar os bois. E também eram necessárias matas que fornecessem lenha. A lenha era queimada nas fornalhas para fazer ferver o caldo da cana que, depois, se transformava em açúcar. Estamos vendo, portanto, que muitas atividades foram surgindo em volta da produção do açúcar.

Nem todos os agricultores que plantavam cana tinham condições de manter um engenho. Esses **lavradores** levavam as suas canas a um engenho próximo e, em troca, o senhor daquele engenho dava-lhes uma parte, geralmente a metade, do açúcar produzido com elas.

Com o aumento do número de engenhos, aumentou também a população brasileira. As áreas de terra colonizada ampliaram-se cada vez mais. Nas primeiras décadas do século XVII havia cerca de cem engenhos apenas na capitania de Pernambuco, a mais importante da região açucareira.

Fora dos engenhos e das plantações de cana, uma população menor se espalhava pelas áreas de criação de gado. Estamos penetrando agora no interior da colônia: no caminho do norte, o sertão nordestino; pelo sul, as terras do oeste, entrando pela capitania de São Vicente, onde hoje é São Paulo.



As zonas de pastoreio não rendiam os mesmos lucros que os engenhos traziam aos seus donos. Os escravos eram em número bem menor, pela própria natureza da atividade do pastoreio, e pelo fato de predominar ali uma agricultura de subsistência.

Nas regiões que cercavam os engenhos, no interior, encontramos mestiços livres, brancos pobres, escravos libertos, lavradores mais modestos — enfim, aqueles que trabalhavam nas atividades econômicas voltadas para o atendimento da própria colônia.

Era preciso muito dinheiro para entrar no tráfico de escravos. Os senhores da região açucareira participavam ativamente desse mercado. Já os senhores das capitanias do sul da colônia não podiam pagar o custo da compra de escravos.

Outra forte razão fez com que as capitanias do sul não prosperassem da mesma forma que as do norte e nordeste. Eram mais distantes da metrópole portuguesa, e o governo em Portugal não pretendia gastar com uma capitania que não pudesse controlar bem.

Havia ainda a serra do Mar, que dificultava o acesso às capitanias do sul. Por tudo isso, essas capitanias não podiam comprar escravos negros que custavam caro.

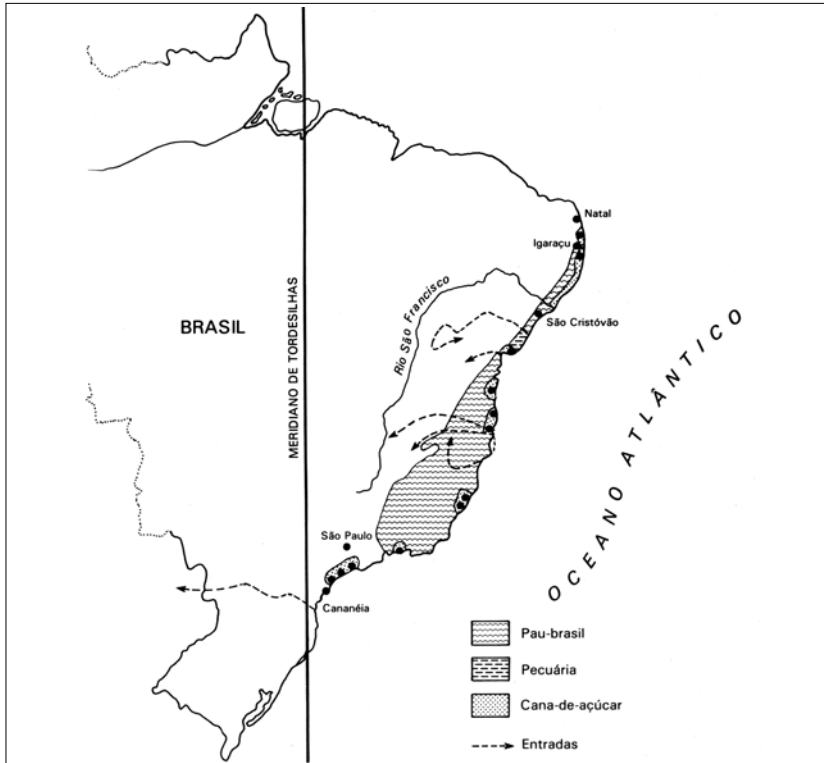
Qual foi a solução encontrada pelas capitanias do sul? **Intensificar a busca aos índios.** Os **bandeirantes**, em sua aventura de exploração do interior da colônia, seguiam a rota dos rios, penetravam no território e caçavam impiedosamente os índios que ali habitavam.

Foram muitos e violentos os confrontos entre os bandeirantes e os jesuítas que protegiam os índios nos territórios das missões. Em São Vicente, o trabalho escravo indígena foi largamente utilizado.

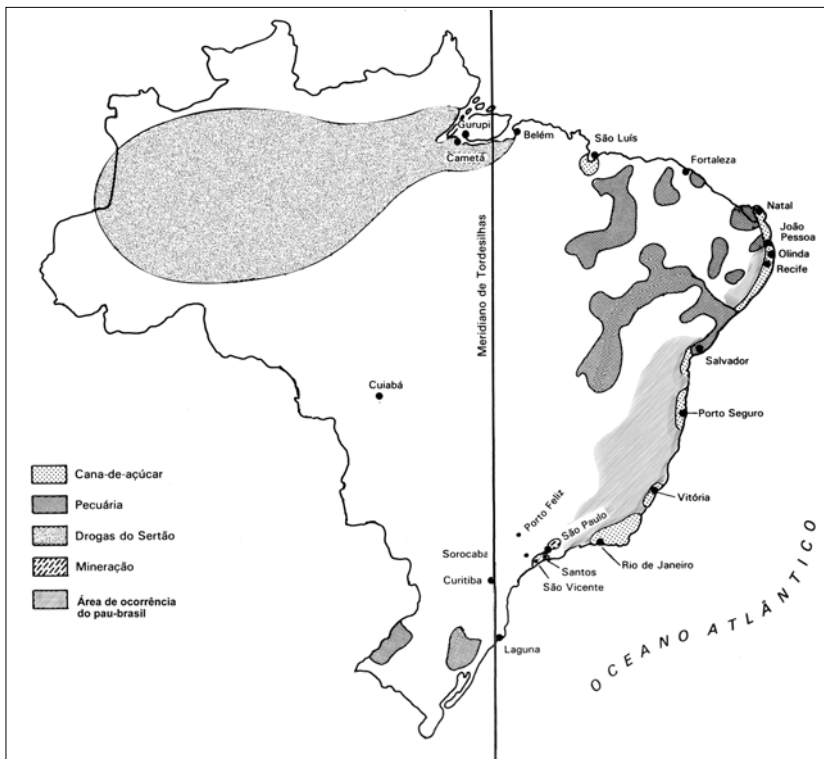
Últimas palavras

O açúcar, o tabaco, a pecuária e o comércio mudaram a face da colônia. Em 1600, ou seja, cem anos depois da chegada dos portugueses em terras brasileiras, a colônia contava com 100 mil habitantes. Desse total, 30 mil eram brancos e 70 mil eram mestiços: negros e índios agregados. Milhares de pessoas chegaram atraídas pelas possibilidades de enriquecimento que tanto se comentavam na Europa.

As atividades econômicas foram se diversificando para atender à população que aumentava ano a ano. Essas atividades podem ser classificadas em dois grupos: as que tinham grande importância para o mercado europeu (produção de pau-brasil, cana-de-açúcar e tabaco e, ainda, mineração) e as que tinham grande importância para os que habitavam a colônia (agricultura de subsistência, pecuária, drogas do sertão, como guaraná, castanha, cravo, pimenta etc).



SÉCULO XVI



SÉCULO XVII

AULA
6

Veja, nos mapas da página anterior, como as atividades econômicas se distribuíram na colônia portuguesa. Espalhados pelo território, encontramos homens livres, escravos libertos, lavradores e mestiços livres trabalhando em suas respectivas atividades. Mas a maior parte do trabalho era mesmo feita por escravos, índios e negros.

No regime escravista, a pessoa do escravo é propriedade de outro homem; sua vontade está subordinada à autoridade de seu dono, o que quer dizer que ele não tem o direito de exercer sua vontade própria; por fim, seu trabalho é obtido mediante coação.

A escravidão marcou a sociedade brasileira, que, naquele momento, começava a se formar. Possuir um escravo passou a ser muito importante. O escravo era um bem que servia para medir a riqueza do senhor. Quanto mais escravos um senhor pudesse comprar, mais rico demonstrava ser para a sociedade.

Além de indicar riqueza, ter escravos era sinal de prestígio. Um homem de bem era aquele capaz de ter escravos em casa. Isso deixava claro para os outros grupos que era ele bem-sucedido ou capaz de subir na vida.

No período colonial, era comum que pequenos lavradores tivessem um ou dois escravos. Não havia reprovação pelo fato de se comprar e escravizar um homem. A Igreja aprovava, a sociedade aprovava, a justiça garantia, e os países de origem dos negros não reprovavam.

Durante quase trezentos anos a colônia se manteve graças ao trabalho escravo, não só de negros, mas também de índios.

Exercícios

Exercício 1

Leia o item **No interior da fábrica de açúcar**. Descreva as características de um engenho de açúcar na América Portuguesa do século XVII.

Exercício 2

Explique a afirmativa final da aula: “Durante quase trezentos anos a colônia se manteve graças ao trabalho escravo, não só de negros, mas também de índios”.

